



Amores Irresistíveis - Spinoff 1

Para Sempre
A Paixão
Aline Rubert







Amores Irresistíveis - Spinoff 1

Para Sempre
A Paixão

Aline Rubert



Copyright © Aline Rubert, 2018

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica — sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, nomes, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora, toda e qualquer semelhança com eventos reais são mera coincidência.

Revisão: Naiara Aimee

Capa: Aline Rubert

Diagramação: Aline Rubert

2018

1ª Edição

PARA SEMPRE APAIXONADOS

Série Amores Irresistíveis – Spinoff 1

© Todos os direitos reservados a Aline Rubert



Sumário

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[EPÍLOGO](#)



Capítulo 1

Londres, 1816

Ela estava maravilhada. Assim que entrou em Londres, alguns dias atrás, ficou impressionada com a cidade, tão diferente do campo onde cresceu desde que ficou órfã. E hoje o irmão a levaria para os Jardins de Vauxhall, para assistirem a alguma das apresentações que estavam disponíveis. Desde a morte dos pais quando era pequena o irmão foi a única família que teve, e ela o considerava seu melhor amigo.

Ela estava usando seu melhor vestido. A cor era vermelho salmão, com bordados na barra, corpete e mangas. Os cachos loiros estavam presos em um penteado simples, adornado com uma fita no mesmo tom do vestido. Estavam na carruagem, Vauxhall Garden se aproximando cada vez mais e ela já podia ver uma parte. Verde por todos os lados, grama, arbustos e árvores espalhados pela entrada, trepadeiras crescendo nos muros... era lindo. Trazia um pouco do campo para a sociedade, mas de uma forma totalmente modernizada. Aquelles presentes eram lordes e ladies; não camponeses.

A carruagem parou e Rannolf desceu, estendendo uma mão para ajudá-la. Christine sorriu, segurando a mão do irmão e sendo guiada para fora da diligência, olhando em volta mais uma vez.

— Oh! — Ela sorriu, os olhos azuis brilhando. O irmão sorriu também, caminhando com ela pelos portões. — É maior do que eu imaginava.

— Espera até ver os espetáculos. — Ele sorriu. — São grandiosos, do tipo que poderia facilmente serem cobradas libras pela entrada. Esta é uma vantagem desses jardins, permitem que até os de menor renda aproveitem a cultura.

— Mal posso esperar. Até hoje só vi as apresentações no campo, porque *alguém* nunca me deixou sair de lá. — Ela lançou um olhar afiado para o irmão, que simplesmente riu e deu de ombros.

— Foi para seu próprio bem, queria que só viesse para a sociedade quando já estivesse madura o suficiente. A última coisa que eu desejo é ver você com problemas. Precisa encontrar um casamento decente, começar sua vida com sabedoria. Quero que seja feliz.

— Mas eu não preciso me casar este ano, certo? — Ela desviou o olhar, observando os muros e arbustos em volta. — E se eu não encontrar alguém por quem eu possa me apaixonar?

— Prefiro que não encontre. Sabe o que eu penso desse... *sentimento*. — Mesmo que não soubesse, a voz dele transmitia nojo. — Não quero sua vida destruída como a de nossos pais.

Ela apenas suspirou e ficou em silêncio. Sabia que o irmão achava que o amor era a destruição, algo horrível, mas ela sempre pensou o contrário. Os pais morreram como Romeu e Julieta, e era esse o sonho dela. Um amor tão forte pelo qual valesse a pena morrer, queria amar alguém tanto que não conseguiria viver sem ele. Queria algo eterno, e encontraria isso, nem que fosse contra a vontade do irmão.

Caminharam mais um pouco em silêncio, enquanto ela observava os detalhes nos vestidos das moças que passavam por ela, nas cores dos paletós dos cavalheiros. Esse era um ambiente totalmente desconhecido, um mundo novo para ela, e Christine faria de tudo para se tornar parte dele.

— Qual apresentação iremos ver? — ela perguntou ao irmão quando pararam em frente à grande construção que ficava no meio dos jardins. Era linda, um salão alto e imponente, decorado até do lado de fora. Ela mal podia imaginar como seria o palco lá dentro.

— Uma pequena peça, mas ainda não está no horário. Na verdade, é apenas no final da tarde, logo após começam as danças no jardim. Achei que iria gostar de dançar livremente uma última vez antes de ser apresentada em um salão de baile. — Ele sorriu. Rannolf era um bom irmão, quando não estava brigando com ela por ser irresponsável ou dando discursos sobre como o amor é algo horrível.

— Ah Ranny, muito obrigada. — Ela sorriu. — Mas o que vamos fazer até lá?

— Bem, você pode passear pelos jardins se quiser. Aqui a etiqueta não exige tanto que tenha uma acompanhante ao seu lado o tempo todo, e eu vou estar por perto. Apenas não se afaste demais, certo?

— Certo. Prometo voltar logo, quem sabe eu tenha sorte e faça amigas. — Ela sorriu, começando a caminhar.

O jardim era enorme, com tantos detalhes, que ela ficava sem saber para onde olhar. Até os muros eram decorados, pedra sobre pedra formando um padrão que subia até o topo, onde haviam mais plantas. O lugar parecia ter saído de um conto de fadas.

Ela estava nos muros quando o viu pela primeira vez. Ou melhor, quando ouviu sua voz.

— Sabe, já vi muitas damas fascinadas com a beleza do lugar, mas com os muros é a primeira vez. — Ele deu um meio sorriso, fazendo com que ela desse um pulo com o susto. — Me desculpe, não queria assustá-la. Sou Carllos. Carllos Montrell.

— Christine. — Ela deu um sorrisinho tímido, virando-se para ele. Tão bonito quanto à voz, sem dúvida alguma. Cabelos num tom de cobre puxado para o castanho, olhos tão claros e verdes que pareciam translúcidos e uma barba rala em seu queixo. Lindo. — Quanto aos muros, depois de uma vida inteira no campo, até uma pedra diferente me pareceria interessante.

— Até uma pedra? — Ele riu, erguendo uma sobrançelha. — E que tal... — Ele olhou em volta, inclinando-se sobre um arbusto que estava perto. — Uma flor?

— Não sei se o senhor tem permissão para tirar flores daqui. — Ela deu uma risadinha, mas pegou a rosa da mão dele. Era vermelha como sangue, a cor mais viva que já viu.

— Regras existem para serem quebradas. — Ele sorriu, dando de ombros.

— Vou me lembrar disso. — Ela sorriu também, observando-o.

Além da beleza óbvia, ele estava usando um traje em um tom escuro de vermelho, algo entre o vinho e o preto. Na mão direita exibia um anel com um M no centro. E a energia que emanava dele era quase magnética, puxando-a para perto.

— Então, Christine. — Ele deu um sorrisinho, ignorando totalmente que deveria chamá-la de Lady. — Como eu nunca a vi antes? Tenho certeza disso, pois alguém como você não passaria despercebida pelos meus olhos.

— Essa é minha primeira temporada. Aliás, meu primeiro evento é hoje. — Ela sorriu, olhando para a rosa nas mãos.

— Precisa retornar para lá agora, ou teria mais tempo livre? — Ela sabia que deveria voltar. Já havia ouvido discursos suficientes do irmão sobre o perigo de ficar sozinha com um cavalheiro, mas Carllos lhe passava uma sensação de segurança, como se já o conhecesse há muito tempo.

— Eu disse ao meu irmão que voltaria antes de escurecer, então ainda tenho algum tempo. — Ela sorriu. — E me corrija se eu estiver errada, mas não é proibido que eu esteja sozinha aqui com o senhor?

— Como eu disse, regras existem para serem quebradas. — Ele deu um passo a frente, com um meio sorriso. — Por exemplo, a etiqueta me proíbe de dizer isso, mas você é a mulher mais extraordinária que já vi. Sabia que seus cabelos parecem o sol? E que sua boca me faz ter vontade de quebrar uma quantidade absurda de regras? — Ele se aproximou mais, e a respiração dela ficou entrecortada.

— Sempre fala assim com mulheres que acaba de conhecer? — Ela ergueu uma sobrancelha, com um sorrisinho. Não estava com medo, muito pelo contrário.

— Apenas com as que me deixam nocauteado. Você foi a primeira. — Ele deu um sorrisinho, encurralando-a contra o muro. As mãos dele estavam uma de cada lado de seu rosto, as palmas contra a parede. Uma pequena jaula em formato de homem, com olhos brilhantes e um sorriso indecente. — Me fale de você, Christine. Me deixe ainda mais fascinado.

— Bem, eu fui criada no campo. Tenho dezenove anos, e nunca fiz absolutamente nada com a minha vida. Meu irmão é controlador e superprotetor, meus pais morreram quando eu era pequena. Sei tocar piano, o que não é nenhuma surpresa, mas também sei atirar. Aprendi com as espingardas de caça que encontrei em casa. — Ela deu um sorrisinho, vendo o olhar dele se iluminar com a última parte.

— Linda, inteligente e perigosa. Está tentando fazer com que eu me apaixone? — O canto dos lábios dele se ergueu, enquanto ele se inclinava mais na direção dela. — Eu também cresci no campo, filho mais novo de uma família enorme. Talvez já tenha ouvido falar nos Montrell, também conhecidos como os nobres de coração de pedra. Um passado um tanto perturbado, mas que nos trouxe até aqui.

— Coração de pedra?

— Acredita-se que nenhum Montrell sentiu afeto por alguém. Uma linhagem de casamentos por conveniência e nenhuma proximidade, pais que deixam os filhos serem criados por empregados... Talvez o termo mais correto seja “feitos de gelo”. “Sozinhos somos mais fortes”. — Ele deu de ombros e ela ergueu uma sobrancelha, sentindo a presença dele como uma atmosfera à sua volta.

— E você concorda com eles?

— De forma alguma. — Ele deu um sorrisinho. — Eu acredito que, se nos unirmos com a pessoa certa, podemos ser ainda mais fortes. Duas mentes com um só pensamento, a calma que equilibra o furacão, o porto seguro. Toda lua precisa de um sol, toda noite precisa de um dia. Não há força sem equilíbrio.

— Então é isso que você busca? Um equilíbrio?

— Exatamente. — O sorriso dele aumentou enquanto se inclinava mais para frente, a voz se tornando um sussurro. — Eu já sou a noite. Aceitaria ser meu dia?

O sorriso dele, junto com a voz, arrancou o ar dos pulmões dela. Se conheciam há o que... Vinte minutos? Poderiam muito bem ser vinte décadas. Ela se lembrou vagamente de quando Glayds lhe contava histórias dos pais, de

como se casaram rápido. “Não é questão de tempo”, ela dizia. “É questão de intensidade.” E Christine não era capaz de imaginar nada mais intenso que os olhos dele.

— É tudo questão de equilíbrio... — A voz dela foi um eco das palavras dele, que com um meio sorriso, se inclinou aos lábios dela, a tomando em um beijo.



Ele foi rápido. Carllos era assim, tomava atitudes sem pensar, agia por impulso, e seus instintos nunca haviam falhado antes. No momento em que viu os cabelos dela brilhando na luz do sol, a forma como sorriu e a pequena confissão sobre atirar, ele soube. Era ela. E quando a beijou, foi sem restrições. Não a beijou com calma e ternura, dando tempo para que pensasse. Ele a beijou como se seus lábios estivessem em busca dos dela há séculos, como se estivesse se afogando e ela fosse seu último resquício de ar puro.

As mãos que estavam no muro foram para a cintura dela, puxando-a contra si. Estava ciente de cada centímetro dela que podia alcançar, da forma como as mãos dela se entrelaçaram em seu cabelo, os lábios inexperientes obedecendo aos dele com a mesma ansiedade. Sua mente estava trabalhando mais rápido do que ele poderia acompanhar, como se estivesse acordando após anos de torpor. Após anos de guerra poderia ser isso mesmo.

Ele a segurou mais firme, deitando com ela na grama. Não poderia tomá-la ali, é claro, mas poderiam aproveitar o máximo de proximidade que conseguissem. Os lábios dele deixaram momentaneamente os dela, percorrendo o pescoço, o rosto. A pele dela era tão macia quanto o mais puro veludo, e ele sussurrava coisas como “meu sol” enquanto a beijava. Estava ciente do perigo de serem descobertos, mesmo estando em uma área distante, mas não conseguia se obrigar a soltá-la. Nem ela parecia disposta a soltá-lo tão cedo. Ele puxou a fita dos cabelos dela com uma das mãos, arrancando alguns grampos que estavam numa posição fácil. Não conseguiu soltar tudo, mas alguns cachos se espalharam pela grama.

Não saberia dizer quanto tempo passaram ali, mas quando finalmente se soltaram estavam ambos ofegantes, desalinhados, e com sorrisos impróprios nos rostos. Quando ele se ergueu um pouco e a viu deitada na grama, sorrindo para ele com os cabelos esparramados e o vestido amassado, não pôde deixar de pensar que ela parecia uma rainha antiga, daquelas que só se veem em pinturas. Linda e, a partir daquele momento, sua.

— Creio que talvez seja melhor voltar para o centro das apresentações. —

Ele sussurrou, contornando o rosto dela com os dedos. — Não quer que seu irmão venha lhe procurar, quer?

— Não... de jeito nenhum. — Ela riu, enquanto ele se levantava e estendia uma mão para ajudá-la. Christine se segurou nele até recuperar o equilíbrio, alisando o vestido com as mãos. Ele se abaixou e pegou a fita, entregando-a para ela. — Obrigada.

Ela amarrou a fita nos cabelos, prendendo os cachos de uma forma similar a de antes. Ele conseguia notar facilmente a diferença, mas duvidava que mais alguém fosse perceber, que mais alguém estivesse se esforçando para memorizar cada detalhe dela.

— Eu a verei mais tarde? — Ela sorriu para ele, o rosto ainda um pouco rosado. Ele balançou a cabeça.

— Creio que tenha estourado meu limite por hoje. — Ele sorriu, piscando um olho. — Mas vai me ver novamente em breve, eu garanto.

— Espero que sim. — Ela sorriu, erguendo uma mão e tocando o rosto dele. — Melhor eu ir, antes que meu irmão enlouqueça.

— Concorde. Não queremos problemas, certo? — Ele sorriu, tocando o queixo dela uma última vez antes de se afastar. — Até mais, luz do sol.

— Até mais, Carllos.

Ele sorriu novamente, assentindo, observando enquanto ela andava. E foi neste momento que ele decidiu, antes que a temporada chegasse ao fim ela seria sua esposa.



Capítulo 2

Hoje seria, de fato, o primeiro baile dela. Christine estava ansiosa, com os nervos a flor da pele, e não parava de andar para lá e para cá. Já estava pronta, apenas esperando a hora de sair. O vestido de hoje era lilás, com fitas cor de rosa adornando o corpete e as mangas. Ela havia se arrumado até demais, e sabia o motivo. Esperava ver Carllos de novo esta noite.

Ela não parava de pensar nele nem por um instante desde a tarde em Vauxhall alguns dias atrás. Seu corpo inteiro formigava apenas com a memória dele. A voz dele a provocando, a intensidade de seu olhar, a forma como os lábios dele tocaram os dela... e, acima de tudo, a promessa iminente que existia entre os dois, a certeza absoluta de que ele havia sido marcado nela. Não importava que mal o conhecesse e que fossem chamá-la de louca, ela sentia que ele havia falado sério.

Quando ela e o irmão finalmente partiram para o baile pareciam ter se passado eternidades até finalmente chegarem. O baile era de uma Condessa que Christine não decorou o nome. Provavelmente era complicado ou estranho demais, e ela não tinha costume de se ater a detalhes que não fossem realmente necessários. Uma vozinha em sua mente pareceu fazer um comentário irônico, afinal ela não se lembrava da anfitriã, mas conseguia lembrar cada detalhe do rosto de Carllos naquele jardim. Bem, prioridades.

Ela ficou deslumbrada ao entrar no salão onde se encontravam os outros convidados. As paredes tinham um tom de creme, parecendo douradas onde a luz das velas brilhava com mais intensidade. Os outros convidados, todos vestidos de forma maravilhosa, pareciam se mover como o mar num dia calmo. Havia uma certa sincronia na forma como os pares dançavam e os outros conversavam. Ela estava ainda observando, em um canto, quando toda sua visão pareceu mudar de foco. Lá, entrando pela porta principal, estava ele.



Carllos soube que ela estava ali no momento em que entrou. Seus olhos não demoraram mais que alguns segundos para encontrarem a dama de cabelos loiros no canto do salão, ainda mais estonteante que na última vez. Ele agora já sabia quem ela era. Christine Rasbury, filha mais nova do falecido Duque de Hampton, irmã do atual. O irmão dela havia estudado com ele em Eton, era apenas um ano mais velho. E pelo que conhecia de Hampton, se casar com a irmã dele não seria um trabalho fácil. Bem, Carllos gostava de desafios.

Ele não se importou em rodear o ambiente ou conversar com outros, em

vez disso andou diretamente até ela, com um meio sorriso no rosto.

— Lady Christine. — Ele deu um sorrisinho, estendendo uma mão. — Me daria a honra de sua próxima dança, se não já estiver comprometida? — Ele a convidou da maneira mais formal que pôde pensar, sabendo que o irmão dela estaria observando. Ela deu um sorrisinho, e foi como se o sol brilhasse só para ele. Não havia outra comparação, outra forma de vê-la. Ela era o sol.

— Eu adoraria. — Ela olhou por um instante para o irmão, em busca de aprovação, e ele apenas assentiu. Ela se voltou para Carllos, segurando a mão dele e seguindo com ele em direção ao centro do salão. Para sua sorte a dança atual era uma valsa.

Ele a envolveu levemente, a etiqueta e as dezenas de olhos presentes o impedindo de agarrá-la como gostaria. “Paciência”, lembrou a si mesmo. Se tudo desse certo, logo estariam juntos de fato.

— Não parei de pensar em você por um segundo que fosse — ele sussurrou, rodopiando com ela em seguida. — Diga que também senti minha falta.

— Foram só alguns dias... — O rosto dela assumiu um tom rosado e ele respondeu com um sorriso de lado.

— Péssima mentirosa. Posso apostar que não parou de pensar em mim, que cada vez que fechou os olhos eu estava lá, beijando-a novamente, tocando-a... — A voz dele foi desaparecendo enquanto falava, ciente de que não poderia arriscar serem ouvidos por algum dos outros pares que estavam dançando ali.

— Posso saber quando aprendeu a ler mentes? — Ela ergueu uma sobrancelha, mais uma vez o surpreendendo. Ela não era intimidada facilmente como as outras damas que ele conheceu, ela contra-atacava.

— No momento em que a conheci. — Ele deu um meio sorriso, enquanto ela revirava os olhos. Eles dançaram em silêncio por um instante, apenas usufruindo da proximidade que tinham. Ele aproveitou para se concentrar no cheiro dela. Rosas e mais alguma coisa que ele não sabia especificar. O cheiro dela lembrava o verão, talvez. Ou a primavera.

Carllos não estava nem um pouco surpreso consigo mesmo. Qualquer outro se espantaria ao pensar tanto numa mulher só, ao se concentrar nela de forma a perceber até as pequenas variações de seu perfume. Se apaixonar não é algo que muitos aceitam naturalmente, certamente não um Montrell, mas ele não precisou pensar duas vezes. Não tinha medo do amor, o procurou desde que percebeu seu potencial. Os homens que voltaram da guerra não haviam lutado pelo país, haviam lutado para voltar aos braços de suas mulheres. Ele viu com os próprios olhos soldados famintos se agarrando às cartas que recebiam e aguentando firme. Ter alguém para quem voltar é o melhor motivo para viver.

Ela sorriu para ele, aproximando-se mais um pouco quando uma das voltas permitiu.

— Se eu admitisse que pensei em você, o que aconteceria? — Os olhos dela brilharam de forma divertida e ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu ficaria muito contente. — Ele deu um meio sorriso, observando-a.

— E se eu disser que não pensei?

— Nesse caso eu teria que arrastá-la para um canto e beijá-la novamente, até que esquecesse o próprio nome e eu fosse a única coisa em sua mente. — A voz dele baixou novamente até estar quase inaudível, a intensidade visível nos olhos dele.

— Então eu não pensei nem por um instante, mal lembrei de sua existência. — A voz dela também foi um sussurro, com uma oferta provocante que ele estaria mais que feliz em cumprir. Se ao menos não estivessem tão expostos...

— Me encontre no corredor depois que a dança acabar, e eu vou lhe dar um motivo ou dois para lembrar de mim. — O desejo em sua voz era palpável. Para o inferno com as normas sociais, se dependesse dele a tomaria ali mesmo naquele salão de baile, com todos vendo que a mulher mais estonteante de Londres o pertencia.

— Vou tentar. Se meu irmão se distraísse um pouco seria mais fácil...

— Se não conseguir escapar dele hoje, nos vemos novamente amanhã. Ou depois, ou no momento em que conseguir... mas vamos nos ver novamente, Luz do Sol. Disso você pode ter certeza. — Não havia um traço de dúvida na voz dele. Carllos sabia o que queria, e até hoje sempre teve tudo o que quis. E nesse momento o que mais queria era ela.

— Vou contar com isso. — Ela sorriu, e no momento seguinte, como se fosse planejado, a música acabou. Eles se reverenciaram como a etiqueta mandava, e com mais um olhar alongado eles se afastaram. Ela não ficou mais que poucos segundos sozinha e o irmão apareceu.



Ela viu a desconfiança do irmão quando ele se aproximou e suspirou, já imaginando o que ouviria.

— Posso saber o que você e Montrell tanto conversavam?

— Nada de mais. — Ela deu de ombros, aproveitando que sempre foi uma ótima mentirosa. — Trivialidades. Se eu gosto de Londres, se é minha primeira temporada... disse que sou bonita também. — Ela pensou que seria bom ir suavizando o irmão aos poucos. Podia ter certeza que Carllos não desistiria dela.

— Não gosto dele. Tem poucas terras, pouco dinheiro, passou parte da vida na guerra e vendeu a patente quando acabou... seria um péssimo marido. — Ele se voltou para a irmã. — Quero que mantenha distância dele, Christine. Não podemos arriscar que se arruíne por um Montrell.

Ela ficou em silêncio e apenas assentiu, afinal, como poderia dizer ao irmão que já estava pra lá de arruinada para qualquer um que não fosse Carllos?



Capítulo 3

Algumas semanas depois.

Carllos estava cansado de esperar. Sabia que se casaria com ela na tarde em que a conheceu, e não aguentava mais a demora para mostrar ao mundo que ela era sua, então hoje ele iria falar com Hampton, pedir a mão dela. E era bom que o Duque aceitasse, pois Carllos jurou que se casaria com ela por bem ou por mal.

Estava no final da tarde quando ele bateu na porta da residência Hampton. Um mordomo o recebeu, olhando-o de cima abaixo até perguntar quem era e o que desejava. Após aguardar alguns instantes foi convidado a entrar, indo até o escritório de Hampton.

— O que quer, Montrell? — Hampton não era de fazer rodeios, ele já sabia disso.

— Nenhum “boa noite”? Nenhuma oferta de whisky? Onde está sua educação, Hampton? — Carllos deu uma risada, sentando-se em frente à mesa dele. O outro apenas o encarou. — Não? Bem, se é assim, vamos direto ao ponto. Eu estou aqui para pedir Christine em casamento.

— E o que o faz pensar que eu diria que sim? — Hampton não parecia considerar a proposta como algo sério. Carllos deu de ombros.

— O fato de que eu irei me casar com ela de um jeito ou de outro, mas seria mais fácil se nos desse a sua bênção. — Hampton ia responder, mas Carllos o cortou, continuando: — Christine é a mulher mais impressionante que já conheci em toda a minha vida. É inteligente, nada calma, tem uma personalidade de ouro... mas creio que já conheça os talentos dela, afinal, ela é sua irmã.

— E é exatamente por ser minha irmã que eu vou negar seu pedido, Montrell. *Lady Christine* — ele enfatizou o termo correto que Carllos não estava seguindo — merece algo muito melhor que você. Minha irmã merece um marido decente, que tenha terras e um título. Não um ex-soldado com uma propriedade ou duas e nada na conta. Se está procurando por um dote abastado, vá atrás dele em outro lugar.

— Acha que eu estou interessado no dote dela? Pode tirá-lo então. Eu não preciso do seu dinheiro, Hampton, apenas preciso dela.

— Se não quer o dote, e não tem um título para manter, por que diabos precisaria da minha irmã? — Hampton ergueu uma sobrancelha, e Carllos pôde ver uma real curiosidade nos olhos dele. O pobre homem não conseguia imaginar outro motivo para se casar que não fosse obrigação ou dinheiro. Podia muito bem ser um de seus irmãos.

— Pelo motivo mais óbvio, tolo e verdadeiro que existe. Porque eu a amo,

e quero passar o resto da minha vida com ela. — Ele ainda estava na metade da frase quando o semblante de Hampton mudou. Aquela calma de antes havia sido substituída por fúria, enquanto ele se levantava e batia as mãos na mesa.

— Você ficará longe da minha irmã. Não deixarei que você ou qualquer outro arruíne a vida dela com uma desculpa ridícula como essa, me entendeu? Vou garantir pessoalmente que fique longe dela, e, a menos que queira parar do outro lado do meu revólver ao amanhecer, vai fazer o que eu digo e nunca mais irá dirigir a palavra para Christine. Estamos entendidos? — A voz do homem estava carregada de ódio. Carllos poderia jurar ter visto chamas nos olhos dele, parecia o próprio diabo encarando a cruz.

Carllos o encarou, tentando entender de onde vinha toda aquela fúria. Ele apenas se levantou, em silêncio, indo até a porta e se virando para encarar o outro.

— Espero que sua mira seja boa, Hampton. Pois não vou desistir dela enquanto estiver vivo. — E saiu, tendo quase certeza de ouvir um copo sendo arremessado contra a porta.

A julgar pela reação que acabara de ver, só havia uma saída para tê-la ao seu lado. Teriam que fugir.



Christine estava na biblioteca quando o irmão entrou, quase derrubando a porta.

— Você precisa me prometer que vai ficar longe dele, me entendeu?

— Ranny? De quem? — Ela sabia que ele estava falando de Carllos, não podia ser outro, mas não entendia a raiva do irmão.

— Você sabe muito bem de quem. Montrell, aquele desgraçado, tendo a cara de pau de vir aqui pedir sua mão. — Rannolf estava furioso, mas ela não pôde evitar se alegrar ao ouvir aquilo.

— Carllos me pediu em casamento? Ah Ranny, por favor diga que sim. Por favor. — Ela se levantou da poltrona, encarando o irmão e piscando os olhos como quando eram crianças.

— Pediu e foi negado. Acha que vou deixar minha irmã se casar com um filho mais novo, ex-soldado e com quase nada para se manter?

— Ranny, duas propriedades não são pouco. E ele ainda está recebendo uma pequena porcentagem da coroa pelos serviços prestados na guerra, não é um coitado desesperado por dinheiro. Ele lhe pediu meu dote por acaso? — Ela perguntou por perguntar, já sabia a resposta. Carllos não queria dinheiro, não queria poder. Queria ela, da mesma forma que ela o queria.

— Ele disse que eu poderia tirar seu dote se quisesse, mas esse não foi o problema. Se ele a quisesse apenas pelo dote eu até poderia considerar, mas no momento em que ele disse que a ama... bem, acho que pode entender que eu a protegi de uma desgraça.

— Rannolf, o que...? Ele me ama, quer passar o resto da vida comigo, e você acha que isso seria uma desgraça? — Ela o observou por um instante e então entendeu. — Ah, claro. Mamãe e papai. Ranny, você precisa entender que o amor deles não foi algo ruim.

— Não foi ruim? — Ele ergueu uma sobrancelha, encarando-a, os punhos fechados com a raiva. — Perdemos nossos pais por causa disso. Você cresceu órfã, eu me tornei Duque aos dez anos de idade porque o amor deles fez com que eles morressem.

— A mamãe morreu no parto, Rannolf, não foi culpa de ninguém. — Ela suspirou. — Papai apenas escolheu segui-la. E você pode ter o medo que for, mas eu quero isso, quero amar alguém tanto que não estaria disposta a viver sem ele. De que me adiantaria uma vida sem amor? Você diz que eles morreram por amor, bem, *nós* apenas nascemos por causa do amor deles.

— De que adianta ele tê-la amado o suficiente para morrer, e não amar os filhos dela o bastante para viver? — O rosto dele se fechou numa expressão tão dura que parecia feito de pedra. — Pare de tentar me convencer, Christine. Minha palavra é final, você não vai se casar com Montrell.

— Eu o amo, Rannolf. Não pode me afastar dele.

— Vocês só se conhecem há algumas semanas, é uma paixãozinha. Vai passar, e você se casará com alguém nobre e com um título decente. E sem mais discussões.

Ele virou as costas para a irmã e saiu andando. Rannolf odiava ter que ser tão duro com ela, mas era necessário. Ela era apenas uma criança quando aconteceu, não viu a mãe morrer diante de seus olhos, e não foi ela quem encontrou o cadáver do pai. Rannolf nunca havia contado para ela e nunca contaria a ninguém do bilhete que o pai deixou, não era importante. “Eu a amei até a morte”. Nenhuma despedida, nenhuma mensagem para que os filhos fossem fortes, apenas escreveu o que todos já sabiam. Ele morreu porque ela morreu.

Ele não queria ver a irmã passar pelo mesmo destino, não queria vê-la sofrendo depois. Não bastasse Carllos alegar que a amava, ele era um Montrell, e Rannolf conhecia a fama deles. Pior do que Christine ter o amor dele, seria no futuro perder esse amor, e Rannolf não aceitaria isso. Não aceitaria perder a única família que lhe restou.

Manteria Christine ao seu lado por quanto tempo fosse necessário, e então

a casaria com algum Duque ou Marquês de respeito, que a mantivesse na família. Alguns anos depois ele mesmo se casaria para ter alguns herdeiros e tudo estaria resolvido, sem nunca deixar o amor interferir em sua vida de novo. Mal podia imaginar que os planos da irmã seriam diferentes.

Christine correu para seu quarto assim que o irmão saiu e pegou uma de suas folhas de carta, começando a escrever. Sabia o que era necessário.

Querido Carllos,

O que vamos fazer? Meu irmão rejeita qualquer menção a nos casarmos, mas eu não quero desistir de nós assim. Ele não pode me forçar a seguir os mesmos medos dele. Eu lhe contei sobre nossos pais, certo? Minha mãe morreu dando a luz e meu pai se suicidou na mesma noite. Por causa disso, Rannolf acredita que o amor seja algo ruim, destrutivo.

Podemos ser a prova para ele de que o amor pode ser bom, não podemos? Vamos dar um jeito, nem que precisemos esperar que eu complete vinte e um anos para nos casarmos sem autorização dele. O sol e a lua não devem se separar.

*Com amor, Christine
Rasbury.*

Ela assinou o pequeno bilhete e dobrou a folha várias vezes, rabiscando o nome “Carllos Montrell” na parte de cima. Após ter certeza de que o irmão não a veria, ela desceu as escadas de fininho e foi até a cozinha, procurando pela Sra. Graves, Gladys. Ela havia sido como uma mãe, e era a única criada que Rannolf não demitiria se descobrisse sobre o bilhete.

Ela não precisou de muito esforço para convencer Gladys a levar a carta, e pôde jurar que ouviu a mulher resmungar algo sobre ser a criada de Julieta. Bem, era realmente o que parecia. Um casal proibido pela família, uma criada fiel ajudando, planos de ficarem juntos custe o que custar... só esperava que essa versão da história acabasse melhor que a original.



Capítulo 4

Ele já estava com tudo em mente, eles iriam fugir para se casar na Escócia. Não esperaria mais dois anos para tê-la, e se o irmão decidisse casá-la com outro antes disso? Carllos demorou demais para encontrá-la, e não arriscaria ficar sem ela. Só precisava organizar os detalhes, ter uma carruagem pronta, um horário em que pudessem ter uma boa dianteira caso o irmão dela decidisse ir atrás. Também precisaria entrar em contato com a criada que ela mandou, sabia que Christine só teria escolhido alguém que fosse confiável.

Ele chamou seu valete, entregando a ele um bilhete que rabiscou para Christine. Algo pequeno, apenas pedindo para que se ela pudesse o encontrasse no Hyde Park em dois dias para conversarem. Achou ridículo estar se escondendo assim, passando bilhetes através de empregados, mas era a única maneira de resolverem isso. Também pediu ao garoto que encontrasse a criada que ela mandou e a chamasse, precisaria discutir alguns detalhes com ela.

Enquanto o valete não voltava ele decidiu falar com o próprio irmão. Alugaria uma residência em breve, mas logo após o casamento ele e Christine teriam que viver em sua residência atual por algum tempo, e por mais que a opinião do irmão não fosse influenciar sua decisão, era melhor que Albert fosse avisado. Ele estava em seu escritório, trabalhando como sempre. Carllos deu uma breve batida na porta e entrou.

— Posso interromper por um instante?

— Faz alguma diferença se eu disser que não? — Albert ergueu uma sobrancelha, apontando para a cadeira à sua frente. — O que foi?

— Eu vou me casar, e ela terá que morar conosco por algum tempo. — Não havia motivo para rodeios. Não estava no sangue dos Montrell contornar uma situação com conversas desnecessárias. — Não que sua opinião vá influenciar em nada, mas achei melhor que estivesse ciente.

— Sua consideração me toca, irmãozinho — o tom irônico não foi nem um pouco disfarçado enquanto ele revirava os olhos. — Posso ao menos saber quem é a garota?

— Christine Rasbury, irmã de Hampton. — Aquilo chamou a atenção do outro. É claro que Albert se interessaria ao saber que a garota carregava consigo um dote enorme.

— E ele autorizou esse casamento?

— Não. Exatamente por isso vou partir para a Escócia assim que os detalhes forem arranjados. Em uma semana, no máximo, ela será Christine

Montrell. — Ele tinha certeza absoluta disso, e nada o impediria.

— Uma fuga apaixonada? — Albert ergueu uma sobrancelha. — Não pensei que esse fosse seu estilo, Carllos.

— Um escândalo público, a sociedade virando a cara quando passarmos e fofocas por todo lado. Se pensar bem, esse é meu estilo. — Não havia motivo para perder seu tempo falando de amor e do impacto que ela havia causado em sua vida. Ele sabia que o irmão não entenderia, e não queria gastar seu tempo explicando. Seria muito mais bem aproveitado se estivesse trabalhando nos detalhes da fuga.

— Muito bem, faça como quiser. Não creio que faça diferença, mas tem minha bênção. Pode pegar os cavalos mais rápidos do estábulo, e lhe empresto algumas libras se for necessário. Mas fique avisado que eu não irei me envolver se Hampton vier aqui atrás de você.

— Contanto que não o ajude a me matar, já é suficiente. — Carllos deu um sorrisinho de escárnio, levantando-se. — Obrigado pela ajuda. — Ele estendeu a mão.

— Boa sorte, irmãozinho. — Albert apertou a mão dele, e Carllos saiu do escritório. Era assim que os Montrell funcionavam, sem demonstrações de afeição, sem conversas profundas. E ele preferia desse jeito, deixaria toda sua atenção sentimental apenas para Christine.

O valete havia voltado com um bilhete de Christine, dizendo que a criada – Sra. Graves – o encontraria em breve para resolverem os detalhes. Em poucos dias estariam a caminho da Escócia, e nem a fúria de mil Hamptons os impediria.



Dois dias depois.

Havia chegado a hora. Eram quatro horas da madrugada, e ela e Carllos iriam fugir. Ela havia preparado uma mala pequena de viagem, com alguns de seus vestidos favoritos, alguns sapatos e a caixa de joias que herdou da mãe. Não poderia levar muito, afinal, seria uma fuga rápida. Mandaria buscar o resto de suas coisas depois, se Rannolf permitisse.

É claro que Gladys a estava ajudando. Era a ama de Julieta, sem dúvida alguma. Elas silenciosamente carregaram a mala até a saída dos fundos pela cozinha, onde Carllos viria encontrá-la. Ela e Gladys pararam na porta, esperando que ele batesse.

— Ah, minha menina. Não acredito que já está tão crescida. — Gladys tocou o rosto dela, um sorriso no rosto. — Fugindo para se casar, quem diria.

— Não queria que tivesse que ser assim, mas Rannolf não me deu escolha.
— Ela suspirou, balançando a cabeça. — Ele vai mudar um dia, não vai? Entender que isso de “amor não presta” é algo só da cabeça dele?

— Espero que sim. Seu irmão é cabeça dura assim como seu pai era, que Deus o tenha. — A mulher balançou a cabeça. — Algum dia vai ter uma garota que irá destruir todas as barreiras que ele criou, e vai deixá-lo de joelhos. Deus permita que eu esteja aqui para ver esse momento.

— Se não estiver eu vou dizer “eu avisei” por você. — Christine riu, balançando a cabeça. E então ouviram as três batidas na porta. — Chegou a hora. Me deseje sorte.

— Vá. Seja feliz, menina. — Gladys a abraçou de forma maternal e então abriu a porta, onde Carllos esperava.

— Vim buscar minha noiva. — Ele sorriu, abaixando-se para pegar a pequena mala do chão.

— Cuide bem dela, certo? Posso estar ficando velha, mas ainda sei atirar, e vou atrás do senhor se magoar a minha menina. — Gladys ameaçou e Christine sorriu.

— Pode deixar. Vou fazê-la a mulher mais feliz desse mundo. Obrigado pela ajuda, Gladys. Nunca iremos esquecer.

— Vão, antes que o patrão acorde. Tomem cuidado nas estradas, lembrem de parar para comer e descansar. Espero notícias em breve.

Christine abraçou a mulher mais uma vez e então partiu, seguindo Carllos por alguns metros até a carruagem. Os olhos dela estavam marejados enquanto se afastavam da casa.

— Ei, o que foi? Já está arrependida? — Ele ergueu uma sobrancelha, com um sorrisinho. Ela negou com a cabeça.

— Não. — Entrou na carruagem com ajuda dele. — Apenas não queria que fosse assim. Gostaria que Ranny me levasse ao altar, e que aceitasse nossa união. Já basta não ter meus pais por perto, não queria ter que perdê-lo também.

— Seu irmão vai superar essa implicância mais cedo ou mais tarde. — Carllos passou um braço em volta dos ombros dela, beijando seus cabelos. — Vai ficar tudo bem.

— Romeu também disse isso à Julieta, e sabemos como aquilo acabou. — Ela riu baixinho e Carllos ergueu uma sobrancelha.

— Está nos comparando com Romeu e Julieta?

— Claro. — Ela sorriu, dando de ombros e se aconchegando mais ao lado dele, repousando a cabeça em seus ombros. — Estamos fugindo para nos casar, o nome Montrell até que lembra Montequio, e Gladys fez o papel da criada. — Ela riu. — Aliás, qual é mesmo o nome do seu Valete?

— Laurent. — Carllos não podia imaginar no que aquilo seria relevante, mas ela riu ainda mais alto.

— É perfeito! Ele faz o papel de Frei Lourenço então, temos os personagens importantes. Mas vamos garantir que nosso final não seja o mesmo que o deles, certo?

— Nosso final nunca seria tão trágico, isso eu garanto. — Carllos sorriu, segurando o queixo dela e a virando até olhar em seus olhos. — Eu amo você. Não disse o suficiente nestes últimos dias, mas eu amo você, minha luz do sol.

— Também amo você. — Ela sorriu, tocando o rosto dele. — Não estaria arriscando tudo se não amasse. — Ele se inclinou até seus lábios tocarem os dela.

Não foi um beijo urgente e intenso como no dia em que se conheceram. Foi um beijo curto, calmo, apenas para demonstrar a intensidade do que sentiam. Poderiam deixar a intensidade para quando estivessem totalmente a sós, e não em uma carruagem em movimento. Sim, a carruagem até soava interessante, mas ele precisava constantemente se lembrar de que ela não era uma mulher qualquer. Ela merecia o melhor, sempre.

— Então — ela perguntou —, como vai ser na Escócia? Apenas chegamos lá e casamos?

— Basicamente, sim. — Ele sorriu. — Gretna Green, na loja do ferreiro. Pode soar estranho, mas as leis da Escócia permitem de tudo. A viagem é longa, mas quando chegarmos lá será bem rápido. E logo você se tornará Lady Carllos Montrell, esposa de um ex-soldado e filho mais novo, com uma fortuna pequena que será compensada com beijos. — Ele deu um sorrisinho, roçando os lábios na orelha dela.

— Gostei dessa proposta. — Ela sorriu, fechando os olhos. — E como deve saber, eu cresci com uma fortuna enorme de um ducado. Vou precisar de uma quantidade absurda de beijos para compensar as libras que faltam. Imagine, por exemplo, que eu queira um colar de pedras absurdamente caro, que custe cinquenta libras? Consegue imaginar quantos beijos seriam necessários para cobrir a falta dele? Ou pior, uma mansão com vários andares e cômodos...

— Está tentando me provocar, luz do sol? — Ele deu um risinho, pousando uma mão na cintura dela. — Não deveria brincar com fogo.

— Ah, eu não lhe contei? — Ela fingiu uma expressão inocente que o fez rir. — Eu adoro me queimar.

Não falaram mais nada depois disso, os lábios dele cobrindo os dela. Mal haviam saído de Londres, mas já sabiam que a viagem não seria entediante. E mal podia esperar pelas estalagens onde passariam a noite.



Enquanto isso, na residência Hampton, o Duque havia acordado há pouco. Não estava dormindo bem nos últimos dias, despertava antes das oito. Comería mais tarde quando a irmã se levantasse, por hora preferiu ir até seu escritório, finalizar o livro de contas daquele mês. Sua mesa estava como havia deixado, exceto por uma folha dobrada sobre seus livros, com seu nome em cima. Era a caligrafia de Christine. Ele começou a ler, sendo despedaçado pelas palavras.

Rannolf,

Sei que vai ficar bravo, mas por favor não me odeie. Eu e Carllos fugimos para nos casar. Sei que você não aprova, mas tente me entender. Eu o amo, e quero viver ao lado dele. Você pode não acreditar em amor, ou agir como se fosse algo ruim, mas, por favor, não faça isso às custas da minha felicidade. Não vou carregar traumas que são só seus.

Por favor, não mande ninguém atrás de nós, pois não vai me impedir. Espero que possa me perdoar quando voltar, e que esteja disposto a conversar. Eu amo muito você, então não se afaste, certo?

Eternamente sua irmã, Christine.

Ele leu as palavras uma, duas, três vezes. A irmã o havia deixado “por amor”. Assim como o pai fez tantos anos antes, ela escolheu o amor que tinha por outra pessoa em vez de seu próprio sangue, sua própria família. Rannolf jogou a carta longe, pegando o whisky que guardava embaixo da mesa. Para os diabos se era muito cedo, o amor havia destruído sua vida pela segunda vez, ele tinha o direito de beber.



Capítulo 5

Eles chegaram na hospedaria quando já havia escurecido. Haviam parado para comer apenas uma vez durante o dia, e mais uma para fazerem suas necessidades. Queriam chegar à Escócia o mais rápido possível, não podiam se dar ao luxo de atrasos. Mas após um dia inteiro na estrada, precisavam descansar.

Carllos escolheu parar na melhor estalagem que conseguiu encontrar. Não chegava a ser um hotel de luxo, mas era melhor que um lugar qualquer na beira da estrada. Deu uma boa quantia para o estalajadeiro garantir que teriam um banho quando chegassem ao quarto, e se sentou em uma das mesas, pedindo o jantar. Christine parecia cansada além da conta, e ele segurou uma mão dela por cima da mesa. Não precisariam de normas da sociedade ali, não mais.

— Cansada?

— Muito. — Ela suspirou, bocejando. — Ainda falta quanto tempo?

— Dois ou três dias, dependendo do clima e de quantas paradas fizermos.

— Se é assim, vamos voltar para a carruagem agora. Quanto mais rápido, melhor. — Ela riu, e ele balançou a cabeça. Ela estava visivelmente exausta, mas seus olhos carregavam uma alegria inconfundível.

— Que tal descansarmos um pouco antes? Prometo lhe fazer carinho até dormir... — Ele deu um sorrisinho. Estaria disposto a muito mais que apenas carinho se ela estivesse disposta.

— Não deveria me tentar assim quando estou com sono. — Ela sorriu, os olhos se iluminando quando o jantar foi posto diante deles. Era um assado simples, nada comparado aos banquetes luxuosos de casa, mas nenhum dos dois se importou.

Ele a observou nos mínimos detalhes. A forma como comia, os comentários ocasionais sobre a qualidade da carne, os sorrisos que lançava para ele. Carllos estava a cada segundo mais apaixonado, e tinha a mais absoluta certeza de que não se arrependeria por terem fugido.

Quando a viu pela primeira vez, ele soube que era especial. Soube que ela havia sido feita sob medida para ele. Forte, corajosa, com a luz do sol nos olhos e adagas na língua. Ela não abaixaria a cabeça para ele nem que tentasse com todas as suas forças, ela estaria sempre de cabeça erguida. Podia até ser mais baixa que ele fisicamente, mas sua alma era superior à dele de tantas formas... ele era um cego vendo o mar e o sol pela primeira vez, e, caso se afastasse demais, a cegueira voltaria.

Ele riu de si mesmo ao notar que parecia um poeta apaixonado, repleto de

simbolismos e declarações, mas não havia outra forma de se expressar. Apenas amá-la não englobava um décimo do que estava sentindo.

— Sabia que está me encarando há cinco minutos? — Ela ergueu uma sobrancelha, rindo baixinho. — O que foi, mudou de ideia?

— Muito pelo contrário. Estou contemplando a melhor escolha que já fiz nessa vida. — Ele sorriu, levantando-se da cadeira e estendendo uma mão para ela. — Vamos, luz do sol?

Ela assentiu, segurando a mão dele. O estalajadeiro os guiou até o quarto, claramente um dos melhores do lugar. Ao lado de um biombo dobrado estava uma banheira de água levemente fumegante, e ele deu um sorrisinho com o canto do lábio, abraçando Christine por trás e passando os braços por sua cintura, inclinando-se para perto e apoiando o queixo em seu ombro.

— Apenas uma banheira. O que me diz, luz do sol? Tomamos um banho juntos?



O arrepio que percorreu seu corpo não foi de medo, frio ou nervosismo. Foi o mais puro desejo e ela sabia. Sorriu, sentindo o rosto esquentar enquanto se virava nos braços dele até estar olhando em seus olhos. Não teve dúvidas, não teve nenhum outro pensamento. O olhar dele foi tudo o que precisou para tomar sua decisão.

— Sabe — ela começou, mordendo o lábio inferior com um sorrisinho —, se quer me ver nua, não precisa ser na banheira. — O rosto dela estava rosado, mas ela sabia o que queria. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Luz do sol, sabe o que está sugerindo?

— Tenho uma vaga noção, mas creio que ficará mais que feliz em me mostrar exatamente o que estou pedindo, certo? — Ela subiu as mãos até os cabelos dele, puxando-o para perto. — Que quero isso, Carllos. Me faça sua. Vamos nos casar de qualquer jeito, podemos antecipar a consumação. — E colou seus lábios aos dele.

Ela não era o que a sociedade esperava, suas tutoras sempre disseram isso. Irresponsável e impulsiva. Bem, ao seu ver, haviam impulsos que valiam qualquer consequência. Carllos era um deles. Nunca quis nada tanto quanto o queria, nunca cogitou se entregar tanto para alguém, e, mais ainda, nunca pensou que receberia tanto em troca. A forma como os lábios dele a beijavam, como as mãos percorriam sua cintura, os sussurros de seu nome. Havia uma devoção nele, totalmente dedicada a ela.

Ela não teve dúvidas quando empurrou o paletó dele para longe, deixando-

o cair no chão. Começou a desabotoar o colete dele, sentindo as mãos dele nas costas de seu vestido, puxando os botões com força, arrancando alguns. Puxou também os grampos de seu cabelo, os cachos dourados se espalhando. A urgência lhe causou mais um arrepio, a certeza ardente de que ele a queria na mesma intensidade. Ele se afastou por um instante, tirando o colete e arrancando a camisa por cima da cabeça, enquanto ela se soltava do vestido, ficando apenas com a chemise quase transparente.

Os olhos dele pareceram mudar de cor, quase boquiaberto. Ela mordeu o lábio inferior e deu um sorrisinho, soltando as fitas na frente da chemise e a deixando ir ao chão, formando uma poça de tecido em volta de seus pés. Não demorou um segundo até que ele a puxasse, cobrindo a pele dela com as mãos, percorrendo cada centímetro que podia alcançar. As mãos dele eram quentes, deixando um traço de chamas por onde passavam, até finalmente subirem aos seios dela. O choque ao sentir os dedos dele em seus mamilos foi tanto que a fez dar um gritinho. Não sabia que uma sensação poderia ser tão boa.

— Gostou disso, luz do sol? — Ele deu um sorrisinho, mordiscando a orelha dela. — Não foi nada ainda. Nem uma milésima fração do que será...

E como que para enfatizar o que estava dizendo, ele apertou um dos mamilos dela com os dedos. Christine fechou os olhos, entregando-se a sensação dele. Enroscou os dedos com mais força nos cabelos dele, puxando-o contra si. Ele a guiou até que caísse deitada na cama. A visão dele ao pé da cama, chutando as botas e desabotoando as calças, o volume pulsante sendo visto mesmo através do tecido... ela gravou aquela imagem em sua mente para a eternidade. A forma como os olhos dele passeavam por ela enquanto jogava as calças e os calções para longe. A visão dele completamente nu lhe causou um arrepio.

Ele se inclinou sobre ela, cobrindo-a com seu peso, deslizando uma mão até os dedos estarem entre suas pernas. Foi como se ele tivesse apertado algum botão, causando uma onda curta e inesperada de prazer através dela.

— Carlos... — Ela se remexeu na cama, jogando as pernas em volta da cintura dele. Os dedos dele eram maravilhosos, mas ela queria mais, precisava de mais. Não era suficiente. — Por favor.

— Christine... não sei se poderei me controlar dessa vez. Tão convidativa, tão pronta... — Os sussurros dele se perderam enquanto tocava o pescoço dela com os lábios, percorrendo o caminho até os seios, fazendo com a língua e os dentes o que antes havia feito com os dedos.

— Então não... se controle — ela se interrompeu para um suspiro de prazer, fechando os olhos novamente.

— Prometo lhe compensar depois... quantas vezes quiser... — Ele

sussurrou, os lábios roçando os dela.

E então ela o sentiu. De uma vez só, num movimento único e poderoso, ele uniu seus corpos. Talvez a ardência que ela sentiu fosse maior se não estivesse tão entregue, mas não conseguiu se concentrar nisso. Sua mente e seu corpo estavam prestando atenção unicamente nos movimentos que ele fazia, a preenchendo e então a deixando, num vai e vem impulsivo e impensado. Forte, assim como a conexão que tinham.

Ela abriu os olhos, segurando os ombros dele com as mãos, observando e decifrando as expressões dele. Os grunhidos e sussurros em meio aos beijos diziam que ele estava entregue. Os dedos dele foram até ela novamente, acariciando-a de modo errático enquanto as estocadas dele mudavam de ritmo. Ela se contorceu, sentindo algo crescer em si. Não foi uma explosão grande, apenas uma onda um pouco maior de prazer, que a fez fechar os olhos novamente.

Ele murmurou seu nome, parando após algumas poucas estocadas, afundando-se dentro dela. Em meio à respiração ofegante, ele sussurrou que a amava várias vezes. E ela percebeu que amava ser amada.



Carllos nunca havia se sentido assim antes. Toda as mulheres com quem já havia dormido não eram nada comparadas com ela. Foi como se o corpo dela tivesse a medida certa para ele, cada centímetro se encaixando perfeitamente. Devia ter imaginado que seria tão intenso, a conexão deles não era apenas física. Com muito esforço, ele se afastou dela, deitando ao seu lado e a puxando para seu peito.

— Tudo bem?

— Mais que bem. — Ela sorriu, a voz sonolenta, passando um braço em volta dele e uma perna por cima da sua, encontrando uma posição confortável. Ele sorriu.

— Não machuquei você? Deveria ter sido mais cuidadoso — ele sussurrou, passando uma mão pelos cabelos dela.

— Acho que doeu um pouco, mas não reparei. Tinha algo melhor em que me concentrar. — Ela fechou os olhos.

— Prometo que da próxima vez será ainda melhor.

— Mal posso esperar. — A voz dela foi ficando pesada. Ele sentiu quando ela beijou levemente seu peito, sussurrando que o amava e então caindo no sono.

Com ela ali, adormecida em seus braços, Carllos teve a certeza de que, no que dependesse dele, nunca mais iria soltá-la.



Capítulo 6

Faltavam apenas algumas horas para chegarem em Gretna Green, e haviam acabado de parar para comer. Estavam ambos exaustos pela viagem, mas saber que já estavam quase lá deu a eles um novo ânimo. Amanhã a noite já estariam casados.

— Só mais algumas horas. — Ela sorriu, olhando para ele.

— Está com o pé atrás? — Ele ergueu uma sobrancelha, com um risinho.

— De forma alguma, ambos os pés bem à frente. — Ela riu, balançando a cabeça.

— Nenhuma dúvida então? Pode desistir se quiser... — Ele estava provocando. Ela revirou os olhos, rindo.

— Está tentando se livrar de mim? Não vai conseguir.

Ela tinha certeza do que estava fazendo. Talvez tivesse algumas dúvidas sobre fugir na madrugada em que saiu de casa, mas agora não mais.

Eles acabaram de comer e Carllos foi pagar a conta e pedir que o cocheiro voltasse com a carruagem. Enquanto ela esperava, observando a estrada em frente à estalagem, um mensageiro se aproximou dela.

— Com licença senhorita, Christine Rasbury? — Ela se virou, os olhos arregalados. — Seu irmão me mandou, disse para encontrá-la antes que se casasse. Por favor, me diga que ainda está solteira.

— Não vai me levar de volta. — Ela balançou a cabeça, olhando ao redor e se perguntando se conseguiria correr até Carllos antes que os homens de seu irmão a levassem. O garoto parecia bem jovem, mas com certeza não estaria sozinho.

— Fique calma, Senhorita. Não vim lhe buscar, apenas tenho que lhe entregar isto. — Ele tirou um envelope amassado de um dos bolsos e o estendeu a ela. — Seu irmão mandou que lhe entregasse e aguardasse uma resposta. Disse que eu receberia em dobro se não estivesse casada ainda, por isso a pergunta.

— Não, não estou casada. Ainda. — Ela pegou a carta, um tanto desconfiada. O garoto sorriu, assentindo.

— Certo. Vou estar lá dentro quando tiver uma resposta para ele. Me perdoe novamente por tê-la assustado. — Ela assentiu e ele entrou. Ela olhou para o envelope em suas mãos e o abriu.

Christine,

Ficou louca?! Fugindo assim no meio da madrugada. Se não fosse por Gladys, todos os outros empregados teriam perdido o

emprego por sua causa. Sempre lhe disse para não ser tão impulsiva, uma pena nunca ter me escutado.

Se o garoto fez como eu pedi, ainda a alcançou antes de se casar com aquele traste. Esta é sua última chance, irmã. Pode voltar com ele, e eu esquecerei disso tudo, perdorei qualquer outra besteira que tenha feito durante essa fuga. Se preferir seguir com esta idiotice, saiba que nunca mais irá me ver. Não vou sentar e assistir enquanto sua vida é arruinada por seguir um sentimento estúpido. Os escândalos vão começar em breve, estou mantendo segredo sobre isso enquanto aguardo sua decisão.

A escolha é sua, Christie. Família, ou ele.

Seu irmão, Rannolf.

Ela ficou sem chão. Conhecia o irmão e sabia que ele não estava mentindo, que de fato se afastaria dela caso ela escolhesse Carllos. Ela voltou para dentro, sentando-se em uma das mesas. Foi ali que Carllos a encontrou.

— Christine? Meu amor, o que houve?

— Carta de Rannolf. — Ela entregou a carta para ele, baixando os olhos e respirando fundo. Não importava o que escolhesse, perderia metade de si. De um lado estava o amor da sua vida, de outro seu irmão. A escolha era terrível.

Carllos lhe entregou a carta de volta, olhando para ela.

— Você vai precisar fazer uma escolha. Eu sinto muito, Christie, não queria que isso acontecesse.

— Eu já imaginava que isso era possível. — Ela continuou olhando para a mesa, sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Isso é tão injusto. Por que ele tem que jogar os traumas ridículos em cima de mim?! Se ele acha que amar é algo ruim, então ele que não ame, mas vir pra cima de mim com essa baboseira toda e querer que eu desista de você, de nós? Se eu desistir eu vou ser destruída. É isso que ele não entende, o que destrói não é o amor, é a perda dele.

Ela ergueu a cabeça, as lágrimas caindo de seus olhos determinados. Ela sabia o que queria e não deixaria nada impedi-la. Não estava sendo impulsiva ou agindo sem pensar; estava agindo por amor. Não deixaria os medos irracionais do irmão a pararem.

— Nós vamos nos casar, Carllos. E vamos fazer isso hoje.



Capítulo 7

Algumas horas depois.

Haviam chegado em Gretna Green. Durante o caminho, Carllos foi explicando mais sobre os casamentos que ocorriam por lá. As leis de casamento na Escócia eram livres de uma forma absurda, porém muito convenientes. Qualquer casal em território escocês podia se unir a qualquer momento e em qualquer lugar, bastando apenas estar diante de testemunhas. E, é claro, o enlace precisava ser consumado. Não que eles fossem ter algum problema nesse quesito.

Gretna Green cresceu no mercado de casamentos clandestinos por ser tão perto da fronteira, com os ingleses correndo para realizarem as cerimônias assim que chegassem lá, optando por qualquer lugar possível. O mais famoso era a ferraria, tanto que qualquer união na vila era conhecida por “casamento na bigorna”, uma tradição que vinha desde 1700 quando o primeiro padre-ferreiro se estabeleceu por lá.

Passaram direto pela estalagem, indo para a ferraria. O sol havia se posto há duas horas, mas os lampiões da vila brilhavam. A carruagem parou em frente à entrada, e ele mandou o cocheiro seguir para a estalagem e descansar, enquanto eles seguiriam com o planejado. Ele entrelaçou um braço em volta da cintura dela enquanto andavam até a entrada e bateu na porta. Um homem um tanto quanto rechonchudo a abriu e os observou.

— Em que posso ajudar? — O sotaque era inconfundível.

— Viemos nos casar. — O semblante do homem mudou quando Carllos disse isso, mandando-os entrar.

— Ah sim, claro, eu deveria ter imaginado. Sou Logan MacKenzie Venham, entrem, por aqui. — Ele os guiou até a loja da ferraria, com ferraduras, ferramentas agrícolas e inúmeros outros itens nas paredes. Nenhum dos dois prestou muita atenção nisso. — Vieram de muito longe?

— Londres — Carllos respondeu, dando de ombros. O homem se virou para Christine.

— Seus pais não autorizaram o casamento? Uma coragem e tanto, fugirem assim.

— Meus pais aceitariam, se estivessem vivos. Meu irmão foi contra. — Ela suspirou, dando de ombros.

— Muito bem, espero que ele não tenha mandado homens ao seu encalço, seria péssimo para meu negócio. — Ele riu. — Antes de começarmos quero que saibam que um casamento escocês é eterno, nada jamais poderá separá-los. Se o

amor que sentem não for verdadeiro...

— Eu abandonei a vida como conhecia e minha casa por ele. É verdadeiro.
— Ela deu um sorrisinho. — Por favor, prossiga.

— Muito bem. Se me derem licença por um instante, — Ele entrou por uma porta, voltando com uma mulher que parecia ter cerca de trinta anos com um bebê no colo e um menino que parecia ter menos de quinze anos. — Testemunhas. Minha esposa, Leoghaire, e meu filho, Dougal. O bebê é Fergus, mas não é uma boa testemunha. — O homem riu. — Muito bem, vamos começar. Tem uma aliança para a noiva?

— Aliança? — Carllos tentou pensar em algo. Havia pensado em tudo nos mínimos detalhes, mas esquecido justo da aliança. A menos que... — Pode ser meu anel de família? — O ferreiro assentiu, então Carllos tirou do dedo o anel com a insígnia dos Montrell, antigos Montello da Espanha medieval. — Pronto.

— Coloque-a no dedo da noiva e mantenha sua mão junto dela.

— Posso dizer algumas palavras? — O ferreiro assentiu e Carllos se virou para ela. — Christie, eu sei o preço que pagou por fugir comigo. Sei o peso dessa decisão e serei eternamente grato por ter me escolhido. Você não ficará sem família, luz do sol, pois tudo que é meu será seu. Este anel aqui — ele deslizou o anel lentamente pelo dedo dela — pertenceu aos meus antepassados antes mesmo que viessem para a Inglaterra e passassem a se chamar Montrell. Ele agora é seu, assim como eu.

O ferreiro sorriu, assentindo em frente ao amor dos dois. Pegou uma fita branca e enrolou em volta das mãos unidas, dando um nó trabalhado com uma prática excelente.

— Repita comigo, moça, “eu o recebo como marido”.

— Eu o recebo como marido. — Os olhos de Christine estavam cravados em Carllos.

— Eu a recebo como esposa — ele ecoou as palavras, sorrindo para ela.

— Diante de Deus e dessas testemunhas, eu os declaro marido e mulher. O que Deus uniu o homem jamais irá separar. — O ferreiro exibiu um sorriso, dando alguns segundos para eles antes de continuar. — Serão trinta libras e duas coroas.

— E pensar que eu estava começando a gostar dos escoceses... — Carllos resmungou e todos ali presentes riram.

— Sua certidão de casamento estará pronta amanhã, Senhor. Ah, aconselho que não desatem a fita até o ato ser consumado. Costuma-se acreditar que o laço traz boa sorte ao casal.

Carllos pagou, sem reclamar muito, e saíram andando da ferraria, seguindo para a estalagem. Por um momento pensou que estariam ridículos com as mãos

amarradas por uma fita, mas estavam na Escócia, Gretna Green ainda mais. Ninguém acharia aquilo nem um pouco estranho. Foram recebidos com sorrisos pelo estalajadeiro.

— Ah, recém-casados? Tenho um quarto perfeito para vocês, venham. É o senhor Montrell, certo? Seu cocheiro avisou que viriam. — O homem os guiou pelos corredores da estalagem até o segundo andar, abrindo a porta de um quarto amplo e arrumado. — Espero que seja de seu agrado.

— Será suficiente, obrigado.

— Meus parabéns pelo casamento. — E saiu andando, deixando-os a sós. Carllos chutou a porta atrás de si e olhou para a esposa.

— Casados. Como se sente, Lady Montrell?

— Exausta após três dias e meio na estrada, morrendo de fome, com saudade das minhas criadas... e extremamente feliz. — Ela sorriu, erguendo a mão livre para tocar o rosto dele. — Amo você.

— E eu amo você. — Ele sorriu, inclinando-se e a beijando.

Começou com um beijo leve, uma demonstração do amor que sentiam, mas que foi crescendo até estarem ambos ofegantes. Ele saboreou cada milímetro que pôde alcançar dela, parando quando a fita nas mãos não o deixou agarrá-la como queria.

— Acha que como já consumamos nosso casamento em antecedência podemos tirar essa fita? — Ele reclamou, os lábios roçando o ouvido dela. Ela riu.

— E perder a diversão da tradição escocesa? — Ela riu, balançando a cabeça. — De jeito nenhum.

— E como espera que tiremos nossas roupas com as mãos presas?

— Não é óbvio? Não tiramos. Somos um casal fugitivo, temos que consumir nosso amor às pressas antes que os guardas venham nos buscar, não há tempo para tirarmos as roupas ou irmos com calma. Terá que ser exatamente do nosso jeito: de uma vez. — O sorrisinho dela quase o nocauteou. Aquela mulher conseguia ficar mais incrível a cada dia que passava!

— Nesse caso, vamos garantir que nada nos separe. — Ele deu um meio sorriso, cobrindo a boca dela com a sua. Eles tropeçaram até a cama, rindo enquanto ele tentava desabotoar a calça com a mão livre. Caíram na cama, ele puxando as saias dela até a cintura. — Eu amo você — sussurrou, posicionando-se contra ela.

— E eu você. — Ela sorriu, entrelaçando os dedos da mão amarrada aos dele, enquanto seus corpos se uniam.

Naquela noite, Carllos percebeu de fato o que o aguardaria no futuro. Christine se encaixava nele em todos os modos possíveis, mentalmente e

fisicamente um completava o outro. Uma vida inteira assim não seria nada mal.



Capítulo 8

Espanha, algumas semanas depois.

Christine estava adorando a Espanha. Quando partiram de Gretna Green ela imaginou que fossem voltar para Londres, mas Carllos havia planejado uma viagem surpresa de lua de mel. Escolheu a Espanha por causa de seus antepassados, mas também por não ser uma viagem muito cara. Mesmo que ele não falasse, ela sabia que estavam gastando uma pequena fortuna.

Passaram as últimas duas semanas passeando, aproveitando o calor que na Inglaterra era tão raro, mas logo precisariam voltar. Rannolf não havia mais entrado em contato, como prometido. Ela até tentou enviar uma carta, mas não recebeu resposta alguma. Devia saber que ele estava falando sério.

— Posso saber no que está pensando tanto? — Carllos se aproximou dela, sorrindo. — Não quero ver seu lindo rostinho triste. Que tal deixarmos pensamentos demais para quando voltarmos?

— É uma boa ideia. — Ela sorriu, olhando para ele. — E então, aonde vamos hoje?

— Consegui alugar uma carruagem para nos levar até um castelo nas redondezas. Não é grande coisa, mas foi onde meus antepassados se exilaram antes de fugirem para a Inglaterra.

— Você nunca me contou direito essa história. O que aconteceu com eles?

— Vamos andando até a carruagem e eu conto no caminho. — Ele sorriu, entrelaçando o braço ao dela enquanto andavam até a carruagem alugada. — Quer a versão longa ou a mais simples?

— A que vá durar o caminho todo. — Ela riu, enquanto ele revirava os olhos.

— Um dia você vai ter que realmente me responder algo, sabia? — Ele balançou a cabeça. — O que eu vou contar aconteceu entre meados de 1500 e 1600, quando o mundo era bem menor e havia muito mais reis. Os Montello eram parentes da família real espanhola, e ajudaram nos ataques contra a França. Muito da história se perdeu, mas o que sabemos é que eles estavam na frente de batalha quando atacaram a França. Os ataques não duraram muito, a França na época teve ajuda do Sacro Império e pôs fim nos avanços sem muito esforço.

— Foi aí que eles fugiram da Espanha para a Inglaterra?

— Não, isso foi ainda no começo. Eles só vieram fugir no começo do século XVII, quando só sobraram uns dois ou três Montellos para contar a história. Eles tinham alguns conhecidos na Inglaterra então foram para lá, mudaram de nome para Montrell e recomeçaram. Durante a guerra com a

Escócia foi dado o título de Marquês de Westburgh, que hoje pertence ao meu irmão. O “M” do seu anel é o mesmo dos Montello. Ainda temos três anéis originais no total, um está com Albert, o outro com o filho mais velho de Samara, e o meu. Bem, seu agora.

— Samara?

— Minha irmã. Ela é mais velha que Albert, e mora em Bath com o marido, não a vejo muito. Além deles dois, tenho Thomas, o do meio. Nossos nomes ainda carregam o sangue espanhol. — Ele riu. — Carllos Montello foi um dos mais conhecidos nos ataques a França, era o comandante. Ele se casou com uma princesa germânica, mas não se sabe mais o nome exato dela, apenas que também começava com C.

— Podemos fingir que era Christine e que estamos juntos há mais de duzentos anos, que tal? — Ela deu um sorrisinho, rindo. — Nossos filhos também vão ter nomes espanhóis?

— Só se você quiser. Normalmente o herdeiro segue esse padrão, Albert provavelmente terá um filho chamado Thiago ou Diego. — Ele deu de ombros. — Os nossos você escolhe. Vamos fazer um acordo, você nomeia os bebês e eu os cachorros. — Ele riu.

— Vamos ter muitos?

— Cachorros? Talvez uns seis ou sete.

— Filhos.

— Ah, bem, eu estava pensando em quinze, mas se quiser mais...

— Quinze?! — Ela deu um gritinho, vendo-o rir. — Vou ter bebês ou uma ninhada?

— Quanto mais, melhor. — Ele riu da careta que ela fez, balançando a cabeça. — Muito bem, apenas três ou quatro então.

— Melhor. — Ela sorriu. — Acha que vai demorar muito até termos o primeiro?

— Quem sabe? Talvez ele já esteja aí dentro.

— Vamos ter que garantir nossas chances, sabe. Talvez não devêssemos nem sair mais do quarto até a hora de voltar para a Inglaterra... — Ela deu um sorrisinho e ele respondeu com um beijo. Se a carruagem não tivesse parado na frente do castelo naquele momento...



Londres, uma semana depois.

Haviam acabado de chegar de volta, a carruagem parando em frente a residência dos Montrell. Carllos ajudou a esposa a descer da carruagem e a guiou

para dentro da casa. O irmão os estava esperando na biblioteca.

— Ah, Carllos. Pensei que nunca fossem voltar. — Albert desviou o olhar do irmão para a cunhada, erguendo uma sobrancelha. — E você deve ser Christine, certo? Agora entendo porque meu irmãozinho saiu correndo com você até a Escócia.

— Albert. — Carllos encarou o irmão, um aviso silencioso para que ele se comportasse.

— O que foi? É um elogio. — Ele se virou novamente para a garota. — É um prazer conhecê-la, Christine. Seja bem-vinda à família.

— Obrigada. Espero que meu irmão não tenha lhes causado nenhum problema por minha causa, depois da fuga.

— Hampton? Ele não é louco a ponto de nos enfrentar. Apenas mandou entregarem suas coisas aqui. — A arrogância e superioridade no tom dele era palpável. — Não se preocupe com isso, seu irmão não irá mais lhe incomodar. As mulheres Montrell são tão capazes de decidir por si próprias quanto os homens, se escolheu ficar com meu irmão, é onde irá ficar. — Ele não sorriu. Virou-se para o irmão. — Pedi para os empregados que colocassem as coisas dela em seu quarto, vão encontrar tudo lá.

— Bem, se isso é tudo, nós iremos subir. A viagem foi cansativa. — Carllos não queria mantê-la perto de Albert por muito tempo. Por mais que fosse seu irmão, Albert sempre o lembrava do pai, e a relação dos dois nunca foi muito boa.

— Na verdade, Carllos, quero falar com você antes. Pode ir subindo, Christine, qualquer empregado poderá lhe mostrar o caminho. Sinta-se em casa. — Ele direcionou um sorriso frio para a cunhada, e, assim que ela saiu, voltou-se para o irmão. — Soube que foram para a Espanha. Não havia me contado este detalhe de seu plano.

— Eu já a privei de uma cerimônia decente e do respeito da sociedade, achei que merecesse ao menos uma lua de mel.

— Claro, claro. Só espero que saiba que não vai receber mais um centavo de mim além do que nosso pai deixou em testamento para você e Thomas. Vai ter que encontrar uma maneira de manter sua esposa por conta própria.

— Isso não será um problema. — Não era verdade. Carllos não sabia ainda como iria se manter com a curta mesada agora que tinha Christine também, mas encontraria um jeito. Jurou que a faria feliz, e iria cumprir a promessa. — Mais algo?

— Não, só isso. Pode ir. — Albert fez um gesto em direção à porta e Carllos se virou para sair. — Ah, antes que eu me esqueça, meus parabéns pelo casamento.

Carllos revirou os olhos e saiu, seguindo até seu quarto. Christine estava lá, deitada em sua cama, os olhos fechados. Ele sorriu, aproximando-se e beijando a testa dela. Seria bom tê-la por perto, um equilíbrio constante para a raiva que sentia perto do irmão.

Não havia um motivo real, é claro, mas o irmão era uma cópia do pai, e Carllos odiava a memória do pai lhe chamando de fraco, esfregando na cara dele que não seria ninguém, pois os dois irmãos estavam na frente. A arrogância era o maior defeito dos Montrell, algo que Albert herdou em grande parte. Compartilhavam do mesmo sangue nas veias, apenas alguns anos separando suas datas de nascimento, mas Albert se achava o próprio rei. Não é a toa que Thomas não deixou o exército após a guerra, qualquer desculpa para ficar longe. Carllos teria feito o mesmo, se não tivesse uma certeza tão enorme de que não nasceu para uma carreira militar. Lutaria pela Inglaterra em qualquer guerra que viesse, mas não viveria em uma farda por nada.

Deixou a esposa descansar e andou até a pequena mesa de escritório que tinha em seu quarto, vendo a correspondência das últimas semanas. Nada lhe chamou muito a atenção, exceto por um envelope mais grosso no topo da pilha. Ele o abriu, tirando a primeira folha de dentro.

Montrell,

Minha irmã o escolheu, Deus queira que ela não se arrependa. Não menti quando disse a ela que não entraria mais em contato, por isso a carta está em seu nome. Neste envelope estão os papéis referentes ao dote dela. Uma boa quantia, maior do que você mereceria, mas quero garantir que minha irmã não ficará desamparada.

A propriedade em um dos papéis é uma casa de campo pequena no Norte, construída em estilo germânico. O único motivo para recebê-la é ter sido parte do dote de minha mãe, e ter sido deixada para minha irmã. Tente não gastar tudo de uma vez só, e evite fazer besteiras.

Rannolf Rasbury, Duque de Hampton.

PS: Diga a ela que se mudar de ideia e quiser deixá-lo, será bem-vinda de volta, desde que esteja sozinha.

Carlos riu da última frase, pegando os outros papéis no envelope e dando uma olhada. Realmente havia a transferência de milhares de libras para seu nome, além da tal casa no Norte. Havia também uma folha antiga, dobrada com cuidado. Ao abri-la ele encontrou um desenho de um casal com um garotinho e um bebê de colo, datado de 1796. Na parte de trás havia algo escrito recentemente. “*Nunca se esqueça*”. O desenho era da família dela.

Ele guardou o desenho, o entregaria quando ela acordasse, e separou os papéis do dote. Ao menos um de seus problemas havia se resolvido, investindo corretamente poderia mantê-la em boas circunstâncias enquanto vivessem. E, enquanto ela estivesse bem, ele também estaria.



Epílogo

Casa Montrell, 1825.

Ela não conseguia acreditar. Já havia feito as contas uma, duas, cinco vezes. Era verdade, estava mais de dois meses atrasada. Nestes anos todos ela não havia atrasado mais que dois dias. Não era possível que suas regras simplesmente já chegassem ao fim, ela mal havia completado vinte e nove anos, isso não deveria acontecer antes dos quarenta ou cinquenta. A menos que...

Não, não era possível. Ela e Carllos vinham tentando ter um bebê desde que se casaram e ela nunca engravidou. Durante estes anos ela cuidou dos sobrinhos dele, ajudou a esposa de Albert nos três partos, foram padrinhos da pequena Jenny, mas nunca tiveram nem um alarme falso. Ela chegou até a concluir que um deles era estéril, talvez os dois. Que outra explicação teria?

Ela contou os dias uma última vez para ter certeza, e então se levantou, começando a caminhar pelo quarto. As mãos abraçaram a barriga, começando a tremer. Ela não teve nenhum outro sintoma. Nenhum enjoo matinal, nenhum desejo estranho, não sentia nada diferente. E ainda assim...

— Christie? Está tudo bem? — Carllos entrou no quarto, preocupando-se ao ver a expressão dela. — O que aconteceu?

— Eu... eu estou atrasada. — Ela se virou para ele, os olhos arregalados. — Eu estou atrasada, Carllos. Quase três meses sem minhas regras. — Ele não disse nada por um instante, os olhos arregalados a encarando.

— Christie, você acha que está...?

— Talvez. Eu não sei, já faz tantos anos...

— Não há como ter certeza? Posso chamar alguém se quiser, a parteira da vila... — Ele se aproximou, cobrindo a barriga dela com as mãos.

— Eu não tive nenhum outro sintoma. Enjoo, sono demais, nada. A única coisa são as regras, e minha barriga está um pouco mais rígida, mas...

— Mas nada. — Ele segurou o rosto dela com as mãos, fazendo-a olhar em seus olhos. — Vou mandar que chamem alguém imediatamente, tudo bem? A governanta ou alguma parteira vão saber identificar. Eu volto já. — Ele a beijou na testa e saiu em seguida, quase voando para fora da porta.

Christine parou em frente ao espelho, percorrendo seu estômago com as mãos, tentando ter alguma certeza. Se estivesse realmente grávida, o bebê já poderia chutar? Seria uma maneira de ter certeza. Talvez se esperassem mais algumas semanas algo acontecesse... quando a esposa de Albert, Daisy, estava esperando o filho mais novo, ela quase não teve sinais. Só descobriu no quarto ou quinto mês quando sentiu o bebê chutar. Christine precisaria esperar tanto

assim para ter certeza?

Estava pensando nisso quando Carllos entrou, a governanta vindo junto. A Sra. Winters tinha mais de cinquenta anos e trabalhava para os Montrell desde os dezesseis, conhecia aquela família melhor que a própria. Ela sorriu para Christine.

— Seu marido disse que precisava de minha ajuda, senhora. O que aconteceu?

— Eu... nós achamos que eu talvez esteja grávida. Mas não sei, não posso ter certeza, e depois de tantos anos... pensamos que talvez a senhora pudesse ajudar. — Christine sorriu, soando apenas um pouco desesperada.

— Eu vi mais crianças virem ao mundo do que posso contar, se estiver grávida eu vou saber. Milorde, por favor, nos dê licença. — A mulher fez um gesto em direção a porta e Carllos, após um aceno de Christine com a cabeça, saiu. — Me diga, milady, há quanto tempo não lhe vem as regras?

— Alguns meses... quase três, eu acho. Mas não estou passando mal durante as manhãs, não tenho nenhum outro sintoma que poderia apontar para isso.

— Bem, eu notei que há algumas semanas a senhora vem comendo mais, não pensei que fosse nada específico, mas agora... — A mulher deu um passo a frente, parando diante dela. — O corpo dá sinais não muito óbvios, mas que podem ser notados com a experiência. Se importaria em me mostrar seus seios?

— Claro que não, se isso ajudar... — Christine tinha um senso de pudor um pouco diferente da sociedade em geral, e a Sra. Winters uma vez havia pego ela e Carllos na sala de estar fazendo algo totalmente inapropriado, então não havia motivos para vergonhas. Ela soltou alguns dos botões nas costas e puxou o decote do vestido para baixo junto com a chemise, encolhendo-se quando o ar frio de inverno tocou sua pele. A mulher ergueu as mãos, apalpando seus seios de forma técnica, apertando principalmente as laterais. Afastou as mãos e sorriu.

— Pode dar a notícia ao seu marido, a senhora está esperando um filho.

Christine sentiu como se o mundo parasse de girar. Ela estava grávida! Demorou alguns instantes boquiaberta, sua mente dando voltas, até que se recompôs, subiu novamente o vestido e correu porta a fora, jogando-se nos braços de Carllos.

— Nós vamos ter um filho! Carllos, nós vamos ter um bebê, nosso bebê, nossa família. Depois de tanto tempo, tantos anos de espera, finalmente... — Ela perdeu a voz em meio às lágrimas, abraçando-o com toda a força que tinha. Os braços dele a envolveram, a apertando contra si.

Ele não falou nada, apenas a abraçou pelo que pareceu uma eternidade. A alegria no ar era visível, o sentimento de uma família que crescia, de um novo

futuro que começava. Durante anos, ela foi tudo na vida dele, mas agora havia algo a mais, havia aquele bebê, mais um foco para o amor dele. Seu coração não havia se dividido e agora uma metade era preenchida pelo filho que esperavam, havia duplicado de tamanho para suportar as duas coisas mais importantes em sua vida.

— Eu amo você. Vocês — ele sussurrou, beijando a testa dela e se ajoelhando até estar na altura de sua barriga. — Olá. Quando conheci sua mãe, eu podia jurar que ela era a luz do sol e eu a lua. Você, pequenino, será as estrelas.

Ela sorriu, um sorriso bobo e apaixonado, sua memória voltando para a tarde em que se conheceram em Vauxhall, que parecia ter sido séculos atrás. Tanta coisa havia mudado durante esse tempo, o mundo havia dado mais voltas do que ela poderia contar, mas uma coisa se mantinha e se manteria para sempre. A conexão entre os dois.

Mais uma vez ela se lembrou do que Gladys costumava dizer, e mais uma vez concordou plenamente. Nunca foi questão de tempo, era a intensidade que os unia, o amor que os mantinha mais fortes. Para sempre.

Table of Contents

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Epílogo](#)